

Se quisermos caminhar seguros rumo ao nosso destino de grandeza, devemos nos empenhar, a fundo, no plano educacional, a fim de propiciar ao país, em qualidade e quantidade, elites esclarecidas, com mentalidade arejada, imbuídas do espírito de superação que deve ser o apanágio das nações jovens e vigorosas.

A geografia e a geologia não nos negaram nada daquilo de que precisamos para sermos realmente grandes. Só nos resta colocar o imenso e inesgotável manancial físico de nosso território a serviço de vontades corajosas e inteligências capazes.

Já vencemos o “complexo colonialista”, responsável pela vocação para soluções medíocres que até há bem pouco tempo predominou entre os nossos grupos dirigentes.

Esta primeira arrancada — da siderurgia, da exploração e indústria petrolífera, da interiorização da capital, do aumento do potencial hidrelétrico, da industrialização intensiva — provou ao nosso povo que pode ter fé e confiança nos altos objetivos do Brasil.

Estamos transformando este país grande num grande país. Essa obra de transformação deve ficar consolidada dentro do período atuante de uma geração. Neste mundo de foguetes e de satélites, quem não andar depressa será ultrapassado e irremediavelmente envolvido. A hora é dos fortes e resolutos.

## LIVRO 2

# BRASIL GEOPOLÍTICA E DESTINO

## FUNDAMENTOS, TEORIAS E ESCOLAS GEOPOLÍTICAS

Geopolítica é palavra polêmica. Como ciência, igualmente, é de aceitação polêmica. Sua composição semântica vem de geo, terra, e política, arte de governar. As relações da terra e o homem já eram tratadas antes do surgimento da geopolítica, no campo da antropogeografia e da geografia política. Com o atual conceito científico, a geopolítica surgiu no último quartel do século XIX.

Quem criou a palavra foi o professor sueco Rodolfo Kjellén, da escola alemã, querendo dar uma marca política, e não mais predominantemente geográfica, aos estudos das relações entre os territórios e os habitantes no âmbito dos estados.

A geografia política ficou no campo das ciências geográficas como a entendiam Whittlesey, Renner, Brunhes, Vallaux e tantos outros, enquanto a geopolítica de Kjellén e de Ratzel adquiriu o sentido dinâmico das ciências políticas, indicadora de soluções governamentais inspiradas na geografia.

Na escola ratzeliana alinharam-se Kjellén, Maull, Mackinder, Spykman e Haushofer. Mahan, norte-americano, anterior a Ratzel, pode ser considerado o precursor da teoria geopolítica, com a sua concepção de "destino manifesto", que tanta influência teve nos rumos da política exterior dos Estados Unidos.

Entre os adeptos da geopolítica abriu-se logo uma divergência, dividindo-os em duas escolas: determinista e possibilista.

A escola alemã foi chamada de determinista, porque defendia a tese de que a geografia determina o destino dos povos, enquanto a escola possibilista, que teve como principal porta-voz o geógrafo francês Vidal de La Blache,

ancorava-se na ideia de que a geografia possibilita soluções favoráveis ao destino dos povos.

Ratzel e Kjellén, no fim do século XIX e no começo do século XX, conseguiram elevar a geopolítica ao nível científico, enunciando-lhe conceitos básicos, princípios e a sistematização de critérios para a observação de fatos políticos. Partiram ambos não da pesquisa abstrata do que devem ser os Estados, mas da observação concreta do que são os Estados. Esse modo de analisar o fenômeno estatal é processo rigorosamente científico do modo usado pelas ciências físicas, naturais e sociais, numa palavra, pelas ciências de observação. É a aplicação do processo indutivo-experimental iniciado por Bacon e Galileu. É de Kjellén, inclusive, a teoria organicista do Estado, que o compara a um organismo vivo, que, como tal, tem seus períodos de gestação, nascimento, infância, puberdade, juventude, maturidade, senectude e desaparecimento. A fronteira, segundo Kjellén, é o “limite periférico do organismo estatal”, ou seja, a sua pele.

No campo da filosofia política, a contestação entre possibilistas e deterministas transcendeu os limites da geopolítica, para dar margem à discussão entre os adeptos do livre-arbítrio e os defensores do determinismo histórico.

O desprestígio da geopolítica como ciência vem de sua apropriação pelos adeptos do general Karl Haushofer, que, depois do advento de Hitler, apoderaram-se do Instituto Geopolítico de Munique e transformaram a geopolítica em um pretexto científico para justificar as teses do expansionismo nazista. A teoria do Lebensraum (espaço vital), que dominou o espírito geopolítico da Alemanha nazista, foi responsável pelo seu descrédito como ciência.

Sua reabilitação vem se processando lentamente, tamanhas a distorção que lhe impuseram os teóricos nazistas e a repulsão que isso provocou no mundo ocidental. Mas, ciência ou não ciência, a geopolítica, como indicadora de soluções políticas condizentes às realidades ou necessidades geográficas, vem sendo a inspiradora dos grandes estadistas do passado e da atualidade. Pode-se dizer que Ratzel e Kjellén nada mais fizeram do que extrair leis do processo histórico de surgimento, crescimento, expansão e decadência dos grandes impérios do planeta, desde tempos imemoriais.

Cem anos antes desses dois geopolíticos da escola alemã, Montesquieu, no seu clássico *De l'esprit des lois*, nos capítulos em que trata da relação entre

as leis e a força defensiva e ofensiva dos Estados, expande conceitos que foram perfilhados como geopolíticos pelos futuros criadores da ciência. São de Montesquieu os pensamentos que destacamos:

Os mares aproximam, as cadeias de montanhas afastam.

Se uma república é pequena, vive ameaçada de destruição por um poder estrangeiro; se é grande, vive ameaçada de desagregação por condições internas.

Cinquenta anos antes da ordenação científica dada à matéria pelos citados geógrafos alemães, o nosso José Bonifácio, com a ampla visão política que lhe era peculiar, ao redigir *Lembranças e apontamentos* (1821), destinados aos deputados paulistas eleitos para as Cortes de Lisboa, organizou um programa sobre as necessidades primordiais deste país emergente. Pela primeira vez, num documento oficial, o Brasil era tratado como nação, encarado como um corpo geográfico autônomo. Pois bem, o santista José Bonifácio, naqueles recuados anos de nossa história, destacava como ponto de vista a ser defendido pelos deputados paulistas “a fundação de uma cidade central no interior do país, na latitude aproximada de 15°, em lugar de clima temperado”. Mais tarde, já ministro do imperador, em 1823, o velho Andrada optou por Paracatu, a cerca de 150 km da atual Brasília. Antecipou-se o patriarca, sobre qualquer outro, na visão continentalista do Brasil.

O general Golbery do Couto e Silva (*Geopolítica do Brasil*), no que se refere às escolas geopolíticas, apresenta o esquema de Renner, que as divide em três:

- escola de paisagem política (Whittlesey, Hartshorne, Brunhes, Vallaux);
- escola de ecologia política (White, Tenner, van Walkenburg);
- escola organicista (Kjellén, Ratzel, Haushofer).

A primeira, como o nome indica, é contemplativa dos fenômenos de relação território-habitante. A segunda interpreta os fenômenos e oferece aos políticos essa interpretação. A terceira imprime uma marca dinâmica à política inspirada na geografia.

Com o mesmo objetivo — de extrair leis de comportamento das sociedades humanas, através da história —, o inglês Arnold Toynbee chegou

à teoria “do desafio e da resposta”. Não é determinista, nem possibilista; considera vitoriosas as sociedades humanas (nações) que foram capazes de responder ao desafio do meio físico e de suas próprias contradições psicossociais, e fracassadas aquelas que não tiveram capacidade de responder a este desafio.

Há inúmeras conceituações de geopolítica, ciência ou arte de governar os Estados, inspirando-se nas realidades geográficas de seu território. Como síntese desses conceitos vamos destacar o do Instituto de Geopolítica de Munique, bastante expressivo:

A geopolítica é a ciência das relações da terra com os processos políticos. Baseia-se nos amplos fundamentos da geografia, especialmente da geografia política, que é a ciência do organismo político no espaço e, ao mesmo tempo, de sua estrutura. Ademais, a geopolítica proporciona os instrumentos para a ação política e diretrizes para a vida política em conjunto. Assim, a geopolítica se converte numa arte, arte de guiar a política prática. A geopolítica é a consciência geográfica do Estado.

Entretanto, o mais sintético e abrangente conceito de geopolítica é de Ratzel, “espaço é poder”.

Esse simples conceito, composto de três palavras, sintetiza todo o espírito e dinâmica de ação da geopolítica.

A ele acrescentaríamos outro, não menos importante, de que “geografia é destino”.

## O DESAFIO DO AMBIENTE

Como vimos no correr desta exposição, a terra (meio físico) sempre teve uma influência muito grande no destino do homem, assim como o país no dos povos, e, juridicamente falando, o território no destino dos Estados.

Essa influência se traduz através de vários fatores, entre os quais se destacam, como principais, a forma, a extensão, a posição, a altitude, o clima e a cobertura vegetal. Esses fatores geográficos “condicionam, estimulam e dinamizam a vida dos povos” (Malagrida).

No palco da eterna luta entre o homem e o meio ambiente entrechoam-se as qualidades do homem e as condicionantes da terra. O estudo do homem situa-se no campo da psicologia individual e coletiva (raças). Mas, na psicologia do homem influi também o meio físico, assunto sobejamente estudado pelos tratadistas da geografia humana, entre os quais se destacam Gobineau, Lapouge, Huntington, Buckle. Essa influência das condições geográficas sobre a psique humana já ultrapassou as paragens científicas e difundiu-se em versões populares: diz-se que o homem da montanha é triste, fechado, desconfiado, enquanto o homem da costa, que vive à beira do mar, é alegre, aberto e otimista; que a psique do homem da planície é ampla (gaúcho) como os espaços que domina, e a do montanhês é defensiva porque tem seu horizonte fechado pelas serras que partimentam o seu hábitat.

Os oceanos e mares desempenham um papel importante na façanha do homem no planeta. Essa relevância das águas salgadas no contexto global não deve ser minimizada, uma vez que aproximadamente 70% da superfície do planeta são cobertas por oceanos e apenas 30% por extensões continentais, além do fato de a ciência e a tecnologia, cada vez mais nos